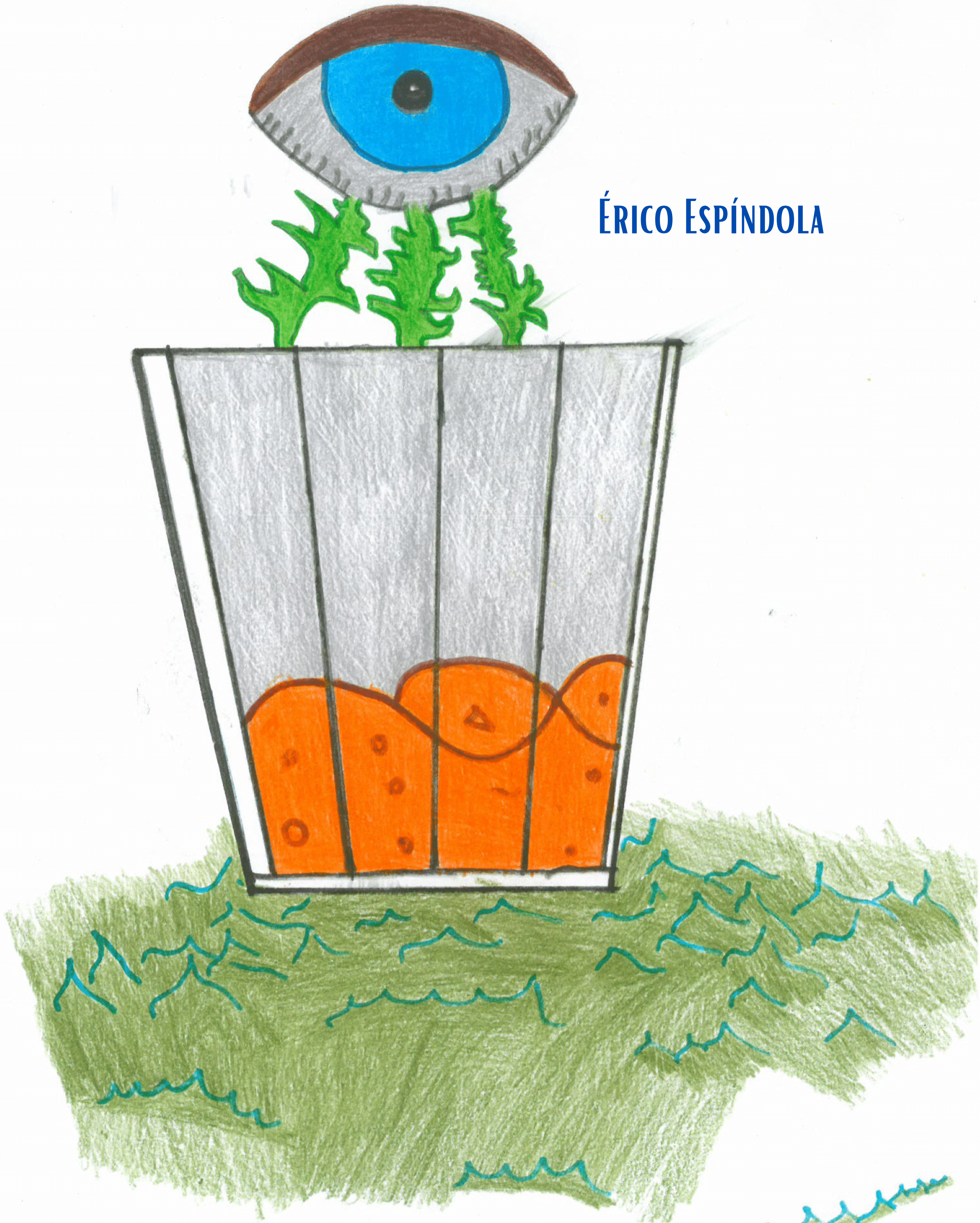


**RETINA CRISTALINA. PÉROLAS ENDIABRADAS. GOLES DE GIN
COM TOQUES DE ALECRIM.**

ÉRICO ESPÍNDOLA



Breve nota biográfica

Nascido e predominantemente vivido em Porto Alegre, filho do músico Frank Jorge e da professora Daniela Espíndola, Érico Espíndola descobriu a paixão pelo mundo das letras aos 12 anos na sétima série assistindo a aulas de análise sintática. Antes só gostava de rock, futebol e de perseguir as estrelas do céu e as do asfalto. No ano seguinte, ao iniciar as páginas de 'O Continente', de Erico Veríssimo, e com a leitura de alguns contos de Edgar Allan Poe e de Machado de Assis começou a se enveredar também pela Literatura e não teve dúvida de que faria o curso de Letras. Iniciou a graduação em 2017 na UFRGS e desde então exercita com um misto de entusiasmo e procrastinação os gêneros de conto, poesia, prosa poética, novela e ensaios. Também é músico compositor e vocalista na banda Flanelas Desbotadas e guitarrista na Projeto Shaun. Procura em um ofício consistente descansar o impulso de ser um poeta desvairado. Me contrate.

Retina Cristalina, Pérolas Endiabradas, Goles de Gin com toques de Alecrim

Aos poetas cristalinos e desvairados.

Aos trabalhadores que sentem.

E aos idealistas sensíveis.

A todos que cruzaram com o meu caminho. Os que me forneceram beleza. Os que me instigaram poesia.
Mas também os Outros.

Para meu pai, Frank Jorge, a primeira pessoa que vi fazendo um rock fora da tela de uma TV, que me ensinou que comer bala azedinha é um estilo de vida e que sempre fomentou o meu estudo, experimentos e amor pelas diferentes formas de vida e seus sistemas. Para minha mãe, Daniela, que além do leite materno, me inventou muitos coelhos (gigantes) da Páscoa, me inspirou a namorar carnavais, a não esquecer das fases da Lua e me ensinou que as pessoas são compostas de muitas camadas - que precedem a prática literária - então vai lá e corre atrás do teu sonho de preencher o mundo, porque o asfalto é bem concreto e essas pedrinhas são borboletas hibernando. À minha irmã mais velha, Mariana, que me mostrou que amor e altruísmo fortalecem a pessoa, o que não nos tira a possibilidade de nos derrarmos em blazers e vestidos coloridos. À minha irmã caçula, Glória, que apesar de caçula, não reluta em me ensinar as coisas mais legais da vida. Lindeza cristalina, joia rara.

Por fim, dedico a todos que se sentiram em alguma vez inclinados a se rebelar contra o seu destino. Interno, externo ou sublime. Sambar no asfalto requer prática - e uns goles de francês escandinavo com sotaque suavizado.

Re.ti.na: substantivo feminino.

1. Anatomia. A camada mais interna do olho, que recebe a luz e emite os estímulos das sensações visuais. É como uma tela onde se projetam as imagens: retém as imagens e as traduz para o cérebro através de impulsos elétricos enviados para ele. A luz entra pela pupila, passa pelo cristalino e segue em direção à retina. Quando a imagem chega nela, está menor e de cabeça para baixo. Quem corrige a posição da imagem é o cérebro, deixando o objeto do tamanho real e colocando em sua posição normal.

2. Por metonímia. A faculdade da visão.

“Living is easy with eyes closed. Misunderstanding all you see.”
(The Beatles, “Strawberry Fields Forever”)

“Slowly, like Indian summer moving imperceptibly toward fall, he looks toward her. Somewhere between retina and object, between vision and view, his eyes draw back, hesitate, and hover. At some fixed point in time and space he senses that he need not waste the effort of a glance. He does not see her, because for him there is nothing to see. How can a fifty-two-year-old white immigrant store-keeper with the taste of potatoes and beer in his mouth, his mind honed on the doe-eyed Virgin Mary, his sensibilities blunted by a permanent awareness of loss, 'see' a black girl? Nothing in his life even suggested that the feat was possible, not to say desirable or necessary. [...] And it is the blackness that accounts for, that creates, the vacuum edged with distaste in white eyes.”
(Toni Morrison, “The Bluest Eye”)

Um agradecimento sincero a todas e todos os meu professores de Língua Portuguesa;
às faxineiras dos prédios enaltecidos, sem as quais o enaltecido seria de fachada; aos Flanelas Desbotadas, Nenung, Elis de Castro, Gal Costa, Júlio Cortázar, John Lennon e Caetano Veloso, todos forneceram as pistas poéticas saborosíssimas e necessárias para esse E-book, assim como Jidduks Saldanha, editor que exala gosto poético com disposição a muitos escritores, incluindo esse que se anuncia no presente momento.

Um agradecimento luminoso e entusiástico às Ilustradoras, simplesmente magníficas
Nina Borguetti e Jaque Vaz, que encherem esse E-book de criatividade, purpurina e celebração descabida. Mais do que artistas brilhantes – conheçam a arte de cada uma nos Instagrams @ninab.arte e @kaj.vaz – me ofereceram espelhos, prismas, pontos de análise e de revisitação para mim como escritor. Me desbancaram ao produzir ilustrações orgânicas, talvez artísticas e rebeldemente tematizadas com cada texto. Artesania da mais linda. Me venceram. Abro mão de qualquer desafio e passo para ti, humylde leitor. Desfrute, desmembre e se delicie-se com os cines que se insinuam cínicos quando não estão cintilando.

Érico Espíndola

Poema em Prosa: Textos Oníricos, mas juvenis. Realidade espiritual e urbana se fundem

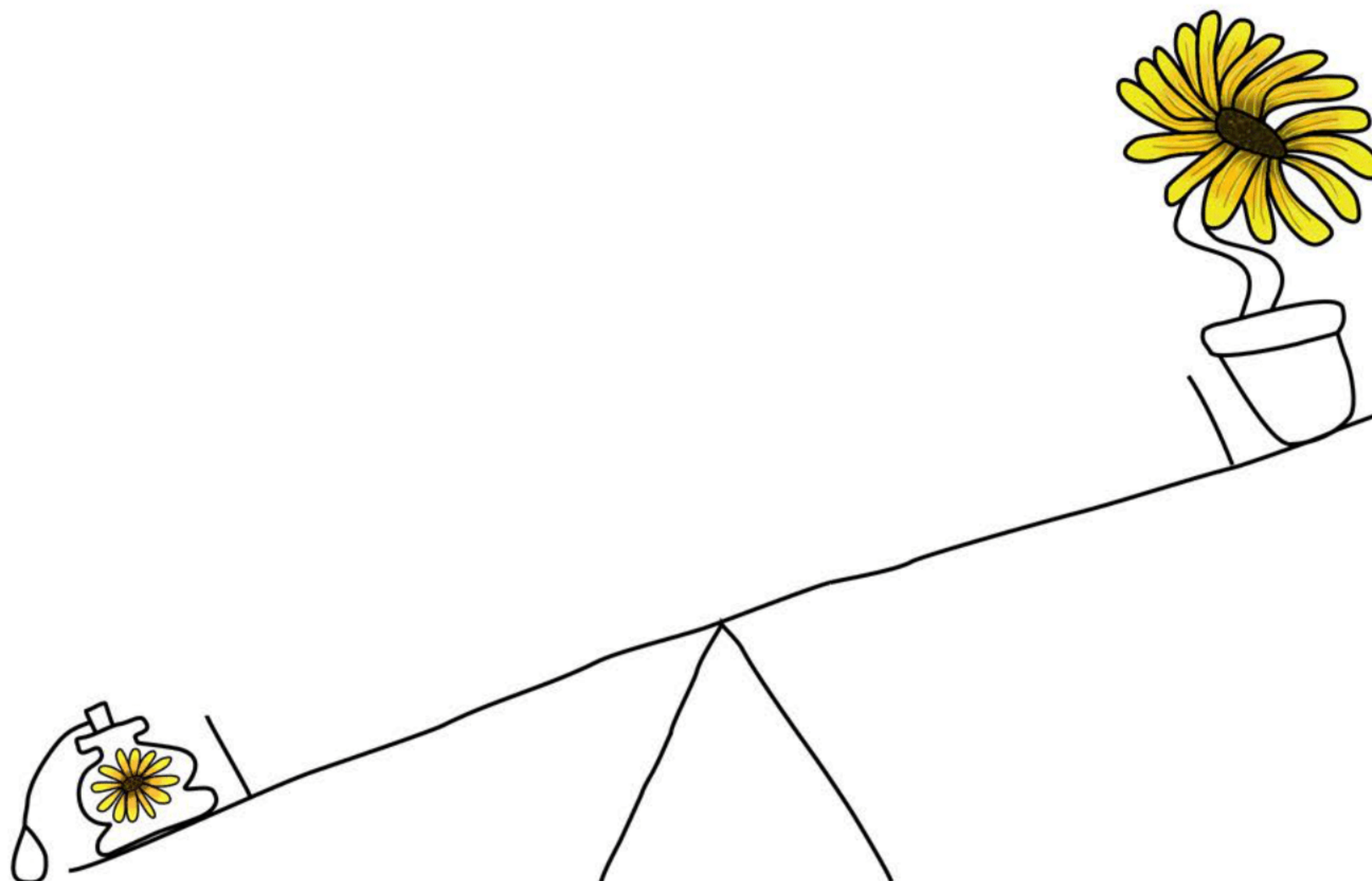


Ilustração: Nina Borguetti

O Tempo está tão etéreo

Para ler ao som de "Changes", David Bowie.

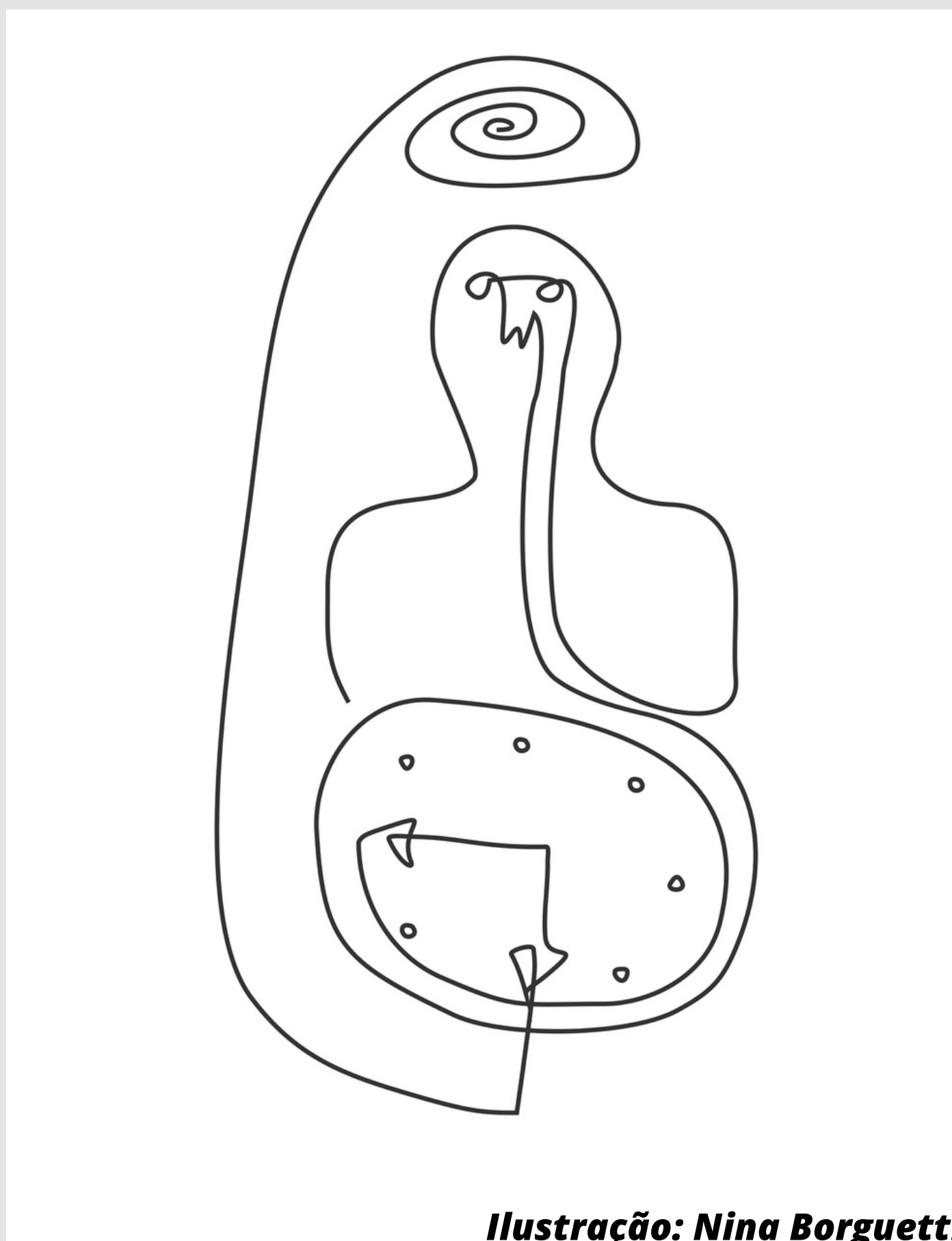


Ilustração: Nina Borguetti

O Tempo está tão etéreo

O fluxo dos pensamentos é o mais sólido, pairando acima das nossas cabeças

A teia das listas e suas tarefas começa a se abrir

E os seus fios, soltos, perdem a pressão

Deixam de ser cordas

A vitória da desintegração, da despedida, do fluxo é tão serena, calma:
inteiramente estabelecida

No fio de cada corda também: e a teia vem da corda

O que eu vou fazer amanhã? Bom, amanhã já está com as horas contadas e
qualquer coisa que eu fizer também está sob as leis do Ciclo

Que se renova, se reinventa

Se desmancha e se forma

O Ciclo é Vida

Vida é Morte

Morte é Luz

Luz é Paz, Forma e tudo no que você conseguir pensar

O Tempo é tão etéreo

Um homem, um respirar

Para ler ao som de “ Cosmic Dancer ”, T. Rex.

José tinha 33 primaveras, já era idade para se sentir alguém. E ele já se sentia José. É claro que ele já tinha se sentido José alguma vez com 13 anos; com 11 anos; com 14 anos; com 15 anos; com 16 anos; com 19 anos; com 6 anos; com 3 anos; com 22 anos ou com 23 anos.

Em alguns momentos ele já tinha se sentido, mas foram breves experiências - as poucas que ocorreram. Agora não: ele se sentia ele - sentia ser uma pessoa (com pê maiúsculo) - de forma permanente, como uma condição.

E a pessoa que ele se sentia - este José - era alguém que conseguia ver, experimentar, enxergar as coisas. Ele via as coisas e ficava pensando sobre os contornos e sobre os detalhes que para ele pareciam existir - indícios dos significados cotidianos.

Os odores inalavam-se percorrendo as teias do espaço-tempo até a sua mente em partículas de semi-minutos.

Para José, cada segundo podia ser duplicado, mas o expirar, a dissolução do constructo experienciado pedia por vazão. O sensorial agora se esvanecia. José era outro, enxergava a Terra mais uma vez. Integrava-se ao mundo.

33 vezes mais experiente. 33 vezes mais aberto para o incontornável. 33 vezes mais lúcido sobre seus medos e alerta sobre a beleza dos pequenos.

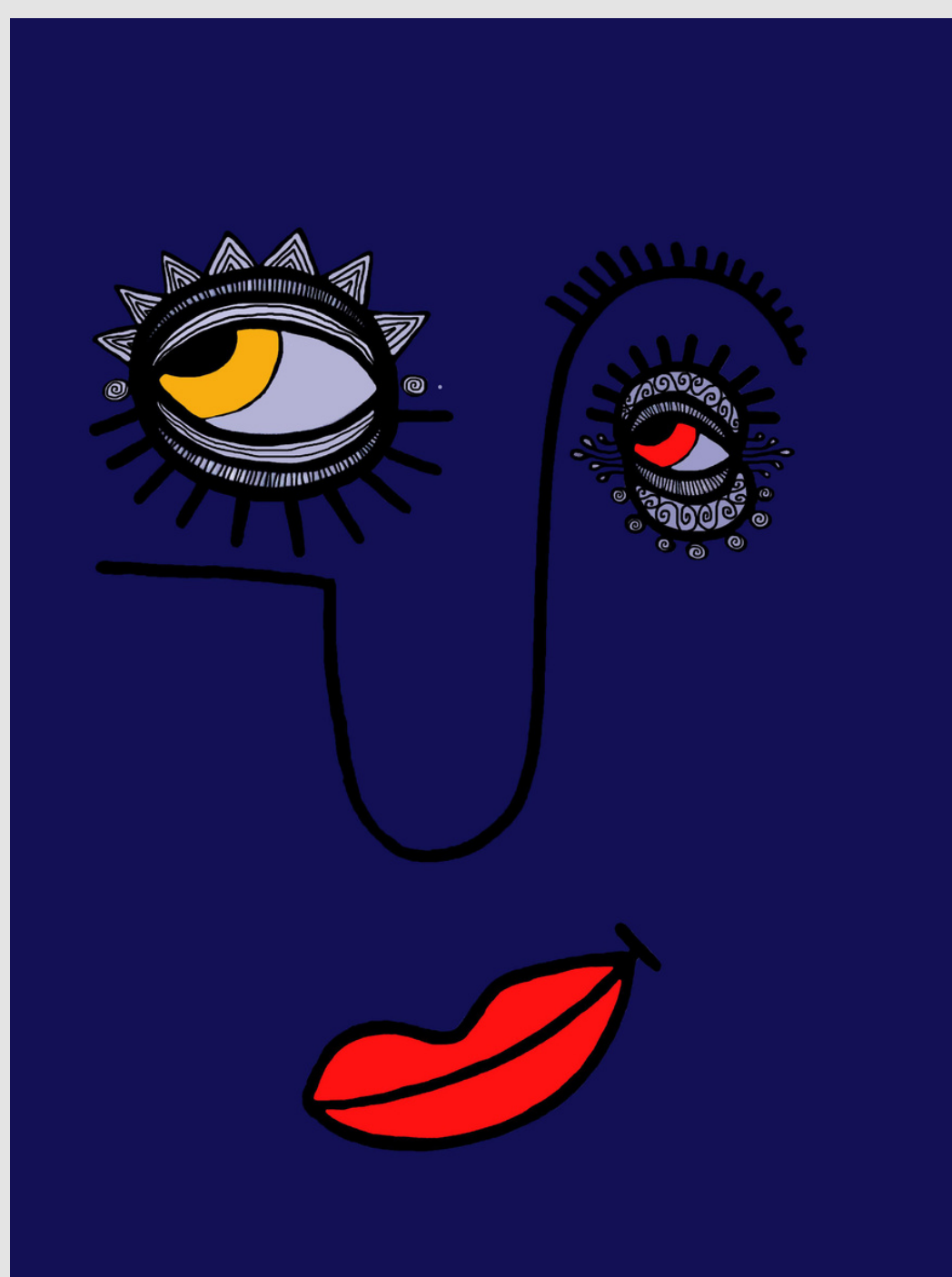


Ilustração: Nina Borguetti

Vyda

*Para ler ao som de “ Peixes “ d’Os The Darma Lóvers
ou “ Run of The Mill “, George Harrison*

A vida é um vasto repertório de Eu, Outros e outros Outros. Inesgotáveis e rodopiantes, ao chegarem no momento da reflexão, da composição ou da conversa, eles deságuam no Rio Antigo, o fluxo da Vida, que tanto acolhe outras vidas – peixes, caranguejos, tartarugas, primos se refrescando – como também é amigo das lavadeiras que levam a ele histórias, suor e sabão. As lavadeiras são admiradoras do Rio e protegidas por ele. Na nossa vida, às vezes somos lavadeiras, recolhendo a roupa suja nossa e dos outros. Vamos com calma com a cesta para a beira, oferecemos a sujeira, recebemos água e espuma e trabalhamos com alguns sorrisos silenciosos e com cantos alegretenses ou simplesmente cantos alegres e acústicos. Depois de secarem com o vento e com o sol, as roupas recolhidas voltam a ser usadas para trabalho, moda, títulos ou simplesmente abrigo. Depois de voltarem para o Rio muitas vezes, evidentemente são postas de lado. Vão parar na cozinha como um pano de chão ou num baú antigo como peça de recordação. Mas as lavadeiras continuam curando, cantando e aprendendo com as bênçãos do seu protetor.

Ilustração: Nina Borguetti

Ilustração: Nina Borguetti

Sexo

Para ler ao som de nada



Ilustração: Nina Borguetti

Os cientistas dizem que a atividade sexual tem fim de reprodução.

Os pais dizem que fazer sexo é natural, faz parte da vida.

Os desvairados procuram experiências de orgasmo em todas as atividades: intelectuais, lúdicas, sociais e de ginástica.

Os alquimistas executam a prática sexual com a maior intensidade possível. Querem se libertar de todos os seus líquidos, espumas, gemidos e devaneios, para que quando estiverem em seu ofício o corpo e a mente estejam frescos e concentrados, rígidos e arejados.

Os românticos encontram a alma gêmea e procuram a mansão adequada para o acasalamento. Daí a diversão é garantida e o prazer, incurável.

Os intelectuais fazem sexo na busca de esclarecimento existencial. Ou buscam esclarecimento sexual na poesia.

What should an artist be?

Para ler ao som de “ Mistério do Planeta “, Novos Baianos, se fores dos mais abstratos ou “ Mother Nature’s Son “, The Beatles, se fores dos mais sensíveis, me encontro nessa última categoria. Ou também ‘Oh! You Pretty Things’, David Bowie, caso fores dos mais ácidos.

What should an artist be?

Should he spend hours in his paintings and later exhibit them in a nice gallery?

Should she engage in a search for her essence and then sing some melodies about what she has found?

Should he/she be touched by the poetry the everyday life can bring and write some lines about it?

Should we train our minds very carefully and manifest the wisdom of what we have accomplished?

Should the artist connect to the ancestors and the old traditions and then spread the blessings received?

Should the artist take care of the issues of humans, animals, and the environment and, by their engagement, change the world?

Or should they just be gentler to others after passing through all those steps and realizing the (non)simplicity of life?

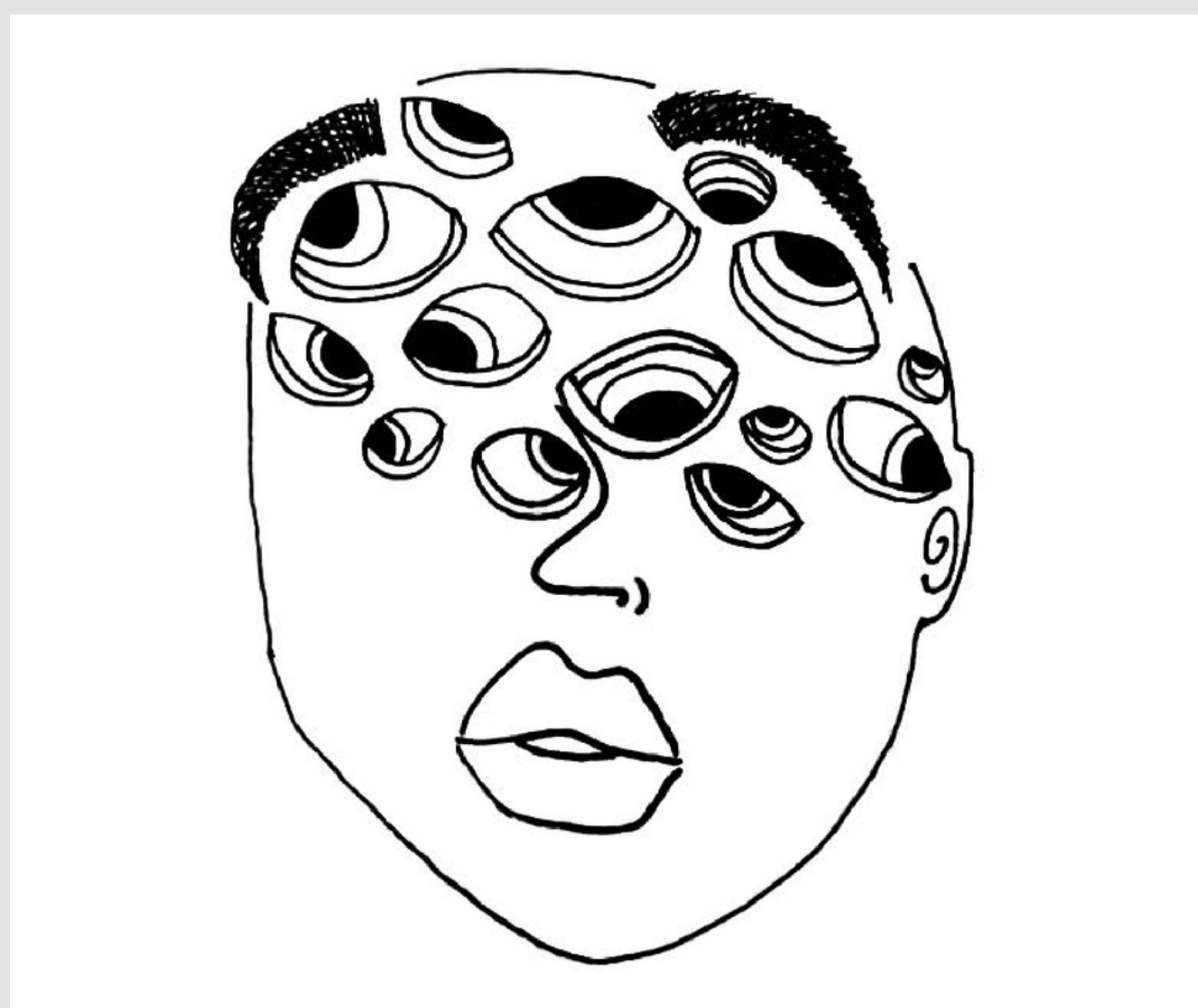


Ilustração: Nina Borguetti

A Estrada de chão batido com rumo à Floresta de estrelas



Ilustração: Jaque Vaz

Texto para os que perderam o amor – Uma Arvorezona

Esse texto é para todos aqueles que perderam o amor de sua vida e assim vagam no mundo em tentativas infinitas de reconquistar sua integridade e um, agora bastante difícil, sentimento de realização pessoal.



É certo que os que se incluem nessa lista são muitos. Inúmeros desvalidos. A comunidade é ampla.

Há aqueles que lutaram, se entregaram por completo para terem o relacionamento com o seu amor, mas descobriram abruptamente que há no mínimo dois meses estavam sendo traídos. Que inclusive aquele embrião tão querido, o primeiro filho da vida, não tinha nada que ver consigo e assim o relacionamento acabou, também abruptamente. A perspectiva romântica suave e ensolaradamente estável que se apresentava até ali e que se estenderia até a última idade fora precocemente interrompida.

Há também aqueles que lutaram, se entregaram por completo para terem o relacionamento com o seu amor, mas jamais puderam efetivar tal ventura. Em geral cerca de sete/oito meses (a taxa de erro varia de 13% para mais ou para menos, pode variar até 100%) em geral sete/oito meses de delírios, reflexões espirituais, corridas desesperadas para pegar o mesmo ônibus-elevador-grupo de trabalho-o que surgir..., ansiedade, recolhimento e basicamente aflição, muita aflição. Mas muita mesmo... Aflição até na felicidade. Para compensar, depois de um tempo que pode ser de três semanas até dois meses, a própria aflição gera alguma felicidade. É que daí a pessoa se apaixona por estar completamente apaixonada pela musa ou pelo herói. Mas o tempo passa. Ainda que o jovem pense diariamente na sorte que foi encontrar o amado, em como eles estão docemente destinados a ficar juntos e em quão difícil será essa empreitada, passados os oito meses, os devaneios começam a dar lugar à insatisfação que, por sua vez, vai dar luz à descrença, que conseqüentemente atualiza o status do cidadão de: “decididamente apaixonado” para: “não importa mais”. Esse, analisado mais de perto, também pode ser entendido como um agora-é-daqui-para-frente, que seria ok não fosse o fato de que esse “daqui-para-frente” inclui ao menos três anos de total descrença na existência da outra metade da laranja. É um período bem nebuloso, para pegar leve. Seguir tocando a vida estando tudo fragmentado por dentro; a existência e a inexistência não parecem tão diferentes... Até mesmo os sangues que correm nas nossas veias se perguntam se aquela é a direção correta ou então desacreditam no mandamento primordial de sempre correr e correr. pra levar vida ao corpo. Esquecem o que é vida. O resumo é que a impossibilidade é tão definitiva quanto o amor um dia foi. O pesar de desistir do seu bem-querer é necessário e acaba por ser acolhido.

Há também aqueles que perderam o amor de sua vida, mas - décadas depois encontraram outro amor de sua vida e com ele foram felizes para sempre; considerando “sempre” o período que vai da primeira vista até o último suspiro. (Em alguns casos até descobrir que estavam sendo traídos, etc.)

A lista segue. Segue e se diversifica. Segue e se diferencia, os casos se diferenciam. Os casos se distanciam. Segue e se separa. Segue e mesmo os casos super escrotos formam, compõem, essa que no final é uma lista vasta e rica, e linda. Essa, que vista de cima, uma árvore gigantesca, que tem raízes profundas, vertiginosas, mas muito simples: as perdas dos amores. Seus ramos se descabelam para onde quer que seja, numa dinâmica expansionista e exuberante. Só as folhas são uniformes, porque todas possuem a cor verde-musgo, natural dessa região e dessa temperatura. Os frutos espalhados tanto nos ramos quanto no chão. O chão, cuja natureza se assemelha à própria árvore. Às folhas, aos ramos, aos frutos, à árvore.

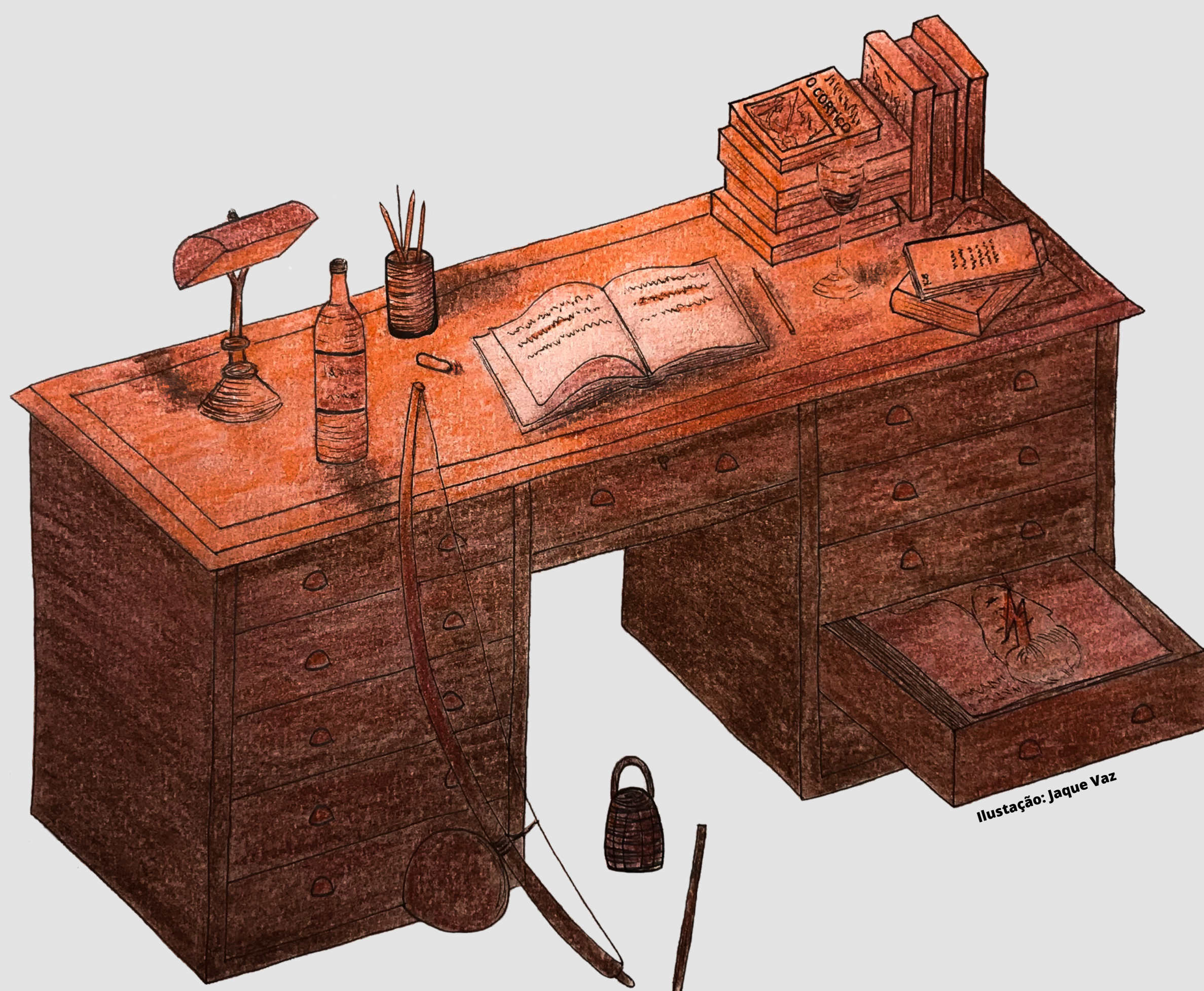
É uma planta monumental, mas ainda assim diversificada e nos confunde. Será uma floresta? Não deixa de ser uma floresta. Uma floresta em uma árvore. Uma árvore que possibilita uma floresta que nasce a partir dela. Novas plantas e agregados nascem. Por isso não vou listar mais casos ou ramos. Esses são numerosos e dos mais diversos. O que importa mesmo é a coletânea que compõem. O aroma deles é natural, inebriante e esgota os cérebros, impõem respeito na mata. A sociedade como uma área verde. Uma arvorezona de amores perdidos e de vidas ressignificadas. O que importa é a imagem lá do alto. Brasil-eiros) visto-s) de cima.

Uma arvorezona.

Ímpeto Poético

Faz um tempo que venho estudando alguns conceitos e sensações (ambos pessoais, íntimos) do que eu tenho chamado como 'ímpeto poético'. Existem outras vertentes como ímpeto linguístico, musical, piadístico, reflexivo, sentimental, corrosivo, pedagógico, literário, comunicacional, amoroso e outros se formando e mais ainda: é bastante perceptível que as vertentes se influenciam, muitas vezes parecer ter parentesco ou existencial (algum discernimento sobre seu próprio ímpeto se faz importante, amigx). Tenho tido bastante gosto por organizar, refazer e elaborar os meus pensamentos e divertimentos - e a preocupação em tocar o mundo, estar no tabuleiro - através da poesia. Já há algum tempo escrevo textos cotidianos, prosa poética (a oitava maravilha do mundo) e alguns contos, mas acho que a poesia oferece um fresco suave e tropicalmente temperado antes do prato principal para qualquer escritor. Descobri há pouco. Em linguagem simples: muito do ímpeto -o ideal estético, revolucionário, político, amoroso, existencial ou afrodisíaco - que nos leva a escrever um conto, novela, texto namorador, crítica, romance; muito desse ímpeto de formar uma obra com forma e conteúdo se perde durante o processo de escrita. É como se ao iniciar o planejamento do texto e concluir a última frase um amadurecimento de corpo e alma - do escritor e da criação - pedisse atenção. Ele ensina a manter o jogo de cintura nesse labor particular cujas personagens principais são artesão - trabalho - ficção. Por isso que literatura e vida se espelham e só se completam no infinito, o princípio sem princípio, o começo do fim. Quem se propõe a mediar esses dois mundos - literatura e existência - merece todo o apoio moral e a torcida de antemão, pois está caminhando sobre uma corda bamba e onde será que ela vai te levar? Por isso que escrever e viver é(são) travessia. Trabalhe a sua linguagem, mas conheça o mundo parece ser uma receita boa, mas ainda estou escolhendo o sabor deste bolo, talvez alguns ingredientes só se encontrem em outras terras, que terei prazer em conhecer. Realmente acho que escrever prosa possui esses desafios inerentes a nossa vida, que pode trazer um certo peso ou sensação de arrastamento, talvez de areia movediça para o empreendimento literário. Areia movediça é um perigo para nós. Por conta disso tenho acolhido a poesia, me abrindo para ela e olha: é uma parceira irrefreável, desconcertante e justa. Uma amiga que um dia vai embora, mas é parte de mim, sempre foi, mesmo agora que se manifesta com cristalina rebeldia. Ela suaviza o meu Fantasma, me dá o toque quando eu o deixo vagando, me ajuda a admitir que eu tenho esquecido de domá-lo, podar as suas raízes vertiginosas, mas perenes. Eu vou conseguir. Esses fantasmas são arrotos de risoto do grilo que visita o nosso sítio de madrugada. Vou incinerá-los desde a raiz como num gole profundo de vinho Rosé em uma taça tão transparente que beira o ridículo. Compus esse bordão: Loucura para os comportados, liCORes para os apaixonados. Admito que exagerei no peso, na dimensão das coisas, tentando ser um escritor moderno ou um jovem astuto e descolado. A única forma de resolver isso é integrar vida e literatura e aqui veio essa menina chamada poesia me oferecendo uma mesa para descansar os meus utensílios: ferramentas, artefatos marciais, leituras obrigatórias, discos de Vinil e lapiseiras. Alguma borracha, que por

Deus eu mereço. Entendi que não adianta encontrar o seu ímpeto poético se ele não se enamorar, se enroscar e se enveredar com a Poesya, essa que é mãe e amiga, mas bálsamo. O Poema precisa da lapiseira, da mesa poética e de algum ímpeto, que nessa altura já virou safadeza, mas nenhum canto é maior do que a vida de qualquer pessoa. É por isso que eu escrevo. A verdadeira Vida - e sua discípula Poesia - é um Mar que balança, vai e vem, nos oferece o além muito antes dessas presunções supremacistas que no fundo são covardemente tecnocráticas. Têm medo do medo, porque não conhecem a criatividade, gostam tanto do prisma que não se deleitam com as suas cores. As nossas cores. Cheira o meu fio de cabelo, é o teu.



As veias abertas de um futuro escritor



Por mais intrigantes que as minhas veias sejam, esmeraldas repletas de potências imaginativas, riachos que se conectam dando-me indícios da minha força, da possibilidade de uma essência que aparente ou não, percebida ou perdida, constitui o meu ser autêntico, tão único como cada peixinho desse Oceano Pacífico que tenta inundar de volta a nossa sociedade construtiva; por mais atrevidas que elas sejam, fazendo-me encará-las como alguém que olha no espelho e percebe as notas de equilíbrio e desequilíbrio que um filho de Cronos e Gaya possui, confesso que é nas veias da minha namorada que eu me lembro (me encontro). Me descubro. Me apaixono, me interesso. Me deixo descobrir. Me reconecto com a minha qualidade aquosa, orgânica, simplesmente tempestuosa, e como num reflexo de uma louça ou de qualquer outro espelho, tendo acordado o meu interesse mais uma vez, volto a mim. Não faço perguntas. Não sou a resposta. No máximo uma ponto de referência pra minha namors, como ela é pra mim. Não faço perguntas, apenas indagações. Escolho que dentre as minhas muitas veias - sinuosas, roxas como ameixas, aéreas como as frases que nos trocamos - a minha veia artística é a que me constitui como um ser humano tentador e absolutamente desvairado. É ela. Só pode ser essa. Entendo finalmente o pequeno Plâncton, o terror da Fenda do Biquíni, começo a pensar que de repente ele era apenas um artista, cheio de vontade de realizar as suas experimentações,

encher de criatividade um mundo em que quem ousa ir para a terra é visto como um alienígena que se fez na vida e quem permanece no oceano “tem-que-jogar-o-jogo”: se comportar para as coisas “não-saírem-do-controle”. Plâncton era mais um entre Dali, Picasso e Marina Abramovic. Sempre se viu como um vilão, não porque nunca elogiaram a sua criatividade, mas porque nunca se mirou num espelho, olhando assim lá no fundo sem medo de ver o amor da sua mãe e o carinho de seu pai. Aos poucos eu percebo que o tempo entre um James Dean e um George Clooney está repleto de muitas Virginia’s Woolf. A meta é apreciar os três, sim o terceiro é uma coletânea de joias preciosas. Elas que são o perigo, mais até do que um Proust, que claro tem seus méritos, mas também um destino traçado desde criança. Plâncton e Proust são ambos artistas incríveis e merecedores de atenção, só que um foi reduzido a um conceito maquiavélico. Nesse oceano de pensamentos, descobertas e retomadas de fôlego, me apaixono de vez em quando pelas veias da minha namorada e pelos olhos dela olhando as minhas. Se um dia as nossas veias se interligarem definitivamente, teremos nossos pequenos Plânctons. Obviamente, enquanto isso a gente vai apreciando as pequenas conexões. Se reconectar com o Riacho que começa na casa da vó é essencial e nos permite esses momentos. Fonte de Vida que se derrama. O Ponto de Partida para se Ser ser humano.

Hunky Dory, bálsamo reverberante no espaço-tempo

O alarde brega-intelectual dos anos 1970 foi em 1971 com o lançamento deste disco. Disco que mais parece álbum. que mais parece obra de arte. que mais parece música. And I ain't got the power Anymore. E pior de tudo: é um disco de rock.

Don't believe in yourself, don't deceive with belief. Knowledge comes with death's release.

It's war-rol, actually. As in holes.

David Bowie iniciava sua ascensão alienígena por essas terras, muito além de qualquer pretensão experimentalista, totalmente entregue à sua vocação estética disruptiva (ou camaleônica, como geralmente intitulada), a ponto de no disco seguinte, T.R.&F. of Ziggy Stardust & T.S.F.M., apenas destilar a sua genialidade como quem sabe que a sua natureza extraterrestre não precisa ser testada. Foi um poeta desvairado, desnudo, revestido de deboche. Desnudamente completo.

No entanto, Hunky Dory não se trata de mero laboratório desta outra obra, consagrada na História e nas listas obrigatórias. Trata-se da conexão definitiva, o elo que ninguém mais poderia ter orquestrado e encarnado entre a miscelânea rockística e não-rockística dos anos 1960 e a tal da nova década que se anunciava. O 1970 nos diz: Os Beatles acabaram. O sonho acabou. Let it Be. Let it be porque tem mais pela frente. Relaxa, tem Hunky Dory.

Hunky Dory é muito anos 60, muito beatle, Dylan, Kerouac, Velvet mas não é nada

disso. Não é Dark Side, Sticky Fingers, Police. Mas é tudo isso. Não diria que é um disco à frente do seu tempo, pois o é numa perspectiva da criação artística que levaria muito estudo para se entender e muito tempo para se assimilar em termos de indústria fonográfica. É uma obra-prima e o seria em qualquer ano que fosse lançado. É atemporal porque nos mostra/expõe as tendências composicionais e estéticas até recentemente frescas daquele jeito bem andy-warhol. A Marilyn Monroe no museu. O que é arte? Hunky Dory saúda o mais vibrante da arte que vinha sendo feita, mas também tem a sabedoria de dizer que esses jovens disruptivos já não são tão jovens. E aí, como é que fica o ímpeto revolucionário-artístico-social-espiritual-humano-lisérgico?

Hunky Dory diz: É... o tempo tá passando. Imagino o Bowie numa vibe meio.. Bah eu devorei tudo isso, mas agora já virou matéria histórica: o espaço do Jimi Hendrix & Cia nos Rock& Roll Hall of Fame, as camisetas/linhas de pedais/guitarras/aparelhagem tudo isso é óbvio. E cá estamos nós no Séc. XXI falando sobre os anos 1960, vendendo revistas sobre o Jimi. Era óbvio e o Bowie sacou na hora. Por isso nos mostrou as tendências como um pesquisador, que agora anunciava um outro momento. I'm not a prophet or a strong aged man, just a mortal with potential of a superman. I'm living on.

"Look out at your children. See their faces in golden rays. Don't kid yourself they belong to you. They're the start of a coming race."

Hunky Dory diz que a atemporalidade da arte é possível. já que as estruturas sociais e psicodélicas são passíveis de transformação. A meta não mudou. É um disco manifesto se conhecidas suas entranhas.

A prova, por sua vez, a demonstração perfeita do espírito ácido somado à renovação estética sem nenhuma vergonha da sua transcendência é o Ziggy Stardust & The Spiders From Mars. Duas obras-primas de 1972, o Ziggy e a minha mãe. Aquela que me apresentou ao Bowie oficialmente, super incoloquialmente.

Resultado? Os anos 1970 aconteceram. Sex Pistols, The Cure, Blondie...: tudo brinde - filhotes de Bowie.

Hunky Dory é o elo, a ponte. “Look out your Rock’n’rollers, Pretty soon now your gonna get older!”, já dizia o cara lá em 1971. Já tinha transcendido a coisa toda e mesmo assim foi agente estético ativo por tanto tempo, influenciou 3/4 do grupo “artista”. Foi influenciado, tamanha a reluzência da sua mente-coração criativos, inovadores como quem nasceu pra embelezar os padrões lindamente achatados, engessados e esquecidamente obsoletos. Conhecer David Bowie é descobrir que é possível se questionar como pessoa, como sociedade, pra não dizer como artista.

Tendo nascido 5, 7 anos depois dos integrantes da British Invasion – e como ele mesmo disse: isso fazia tooOoOda a diferença na época – inicialmente foi um beatnik talentosíssimo e desencaixado: o encontro com Major Tom era inevitável. “Oh You Pretty Things, don’t you know you’re driving your Mamas and Papas insane?” “If I don’t explain what you ought to know, you can tell me all about it in the next Bardo.” Os versos e bordões do álbum parecem fazer uma retrospectiva metade jornalística, metade cúmplice do cotidiano juvenil sessentístico, que nem fragmentado, nem concentrado se tornava um protótipo dum mundo de Lolapalooza, Spotify e de padronização dos padrões, já que com exceção dos Big Bróders e CEO’s a gente não sabe exatamente o que fazer com a tecnologia ou como postar os nossos impulsos emocionais da forma mais intensa ou hippie, presos no instantâneo, fadados ao mistério.

O culto à Estética hoje em dia parece ser na prática uma janela mostrando nossos avanços humanos e distâncias sociais numa guerra que um dia foi fria e agora explode e congela nos noticiários e no Instagram. Hunky Dory diz: The Earth is a bitch!, vamos cultuar o culto à estética e em 2021 todos vão querer fazer isso de novo enquanto a arte segue se prostituindo para sobreviver. De repente essa é a chave do problema que não deveria ser um problema. Isso não é Arte Contemporânea, muito menos a utópica Democratização do Capital, é a mera constatação de que todos têm seus 5 minutos de Andy Warhol num mundo em que os demônios não se escondem mais nas florestas selvagens, mas nas telas de smartphones atualizados cujos donos descartam amor.

Como refresco para isso prescrevo o seguinte: conhecer Bowie - uma música, um disco, uma entrevista que seja – nada mais do que ser apresentado ao conceito de transformação. Tu não é tudo aquilo que te impõem. Tu não precisa ser tudo aquilo que não significa lá no fundo. Não há impedimentos mais quando se entra nesse universo. Qualquer Status Quo vira um mero suspiro, um adolescente irritado. Uma década não é mais do que uma sílaba de um mantra. Um paradigma novo presenteando os velhos tempos.

David Bowie não é necessário. É só aquele pirata andrógino que a gente vai ter ao lado quando os períodos, movimentos, estruturas sociais estiverem precisando de uma descarga. Incorpora a mudança, mas não perde o senso de humor. É a piada que não deu certo e permite a próxima. É ser um artista mais do que ser um robô. É ser um performer mais do que ser um artista. É ser um cantor mais do que ser um performer. É ser um compositor mais do que ser um intelectual. É entender que o ser humano não é para ser entendido, mas acolhido. Só o Bowie me entende, no caso.

Seguimos aprendendo com esse professor rebelde, fofo e etéreo.

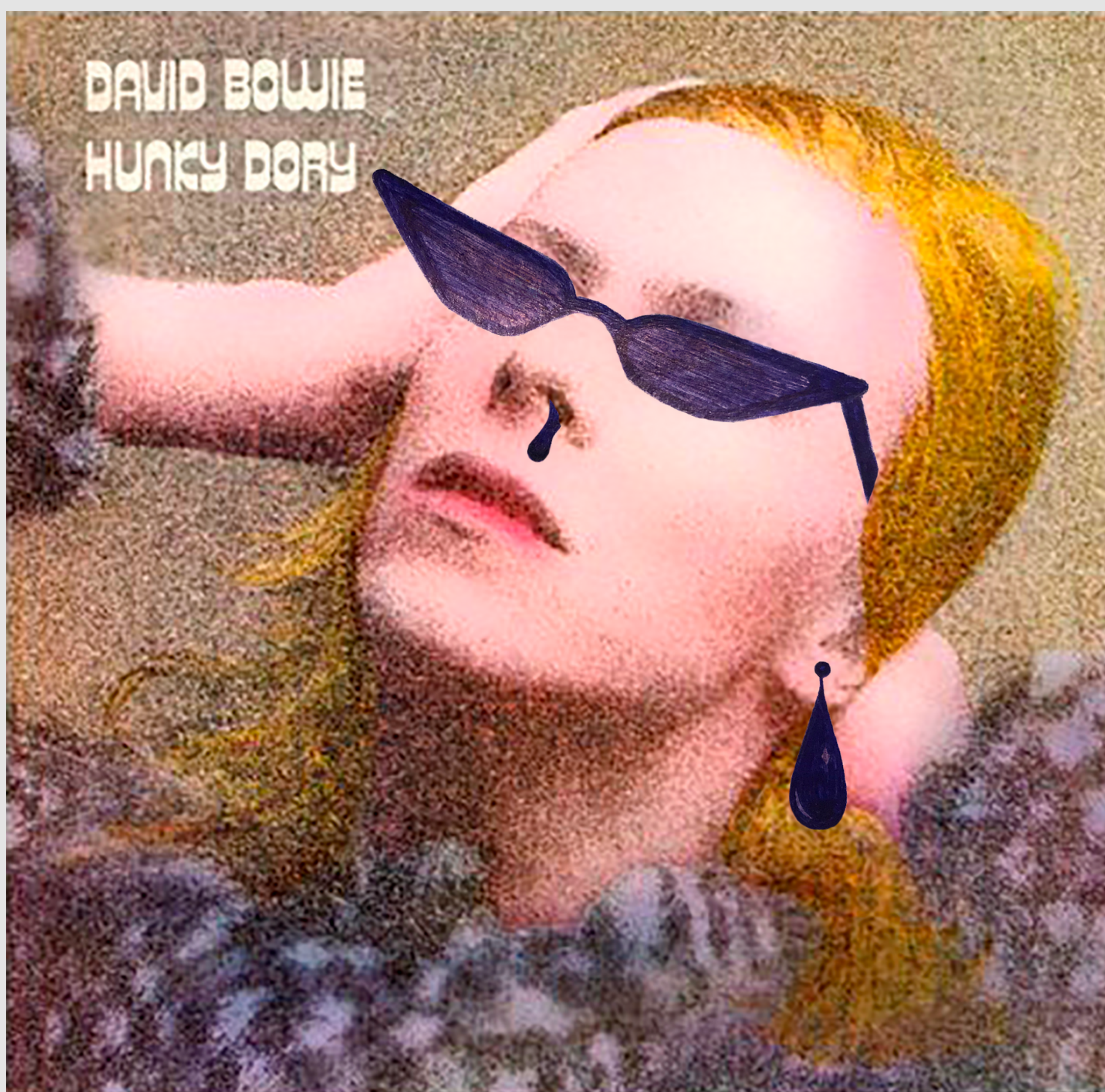
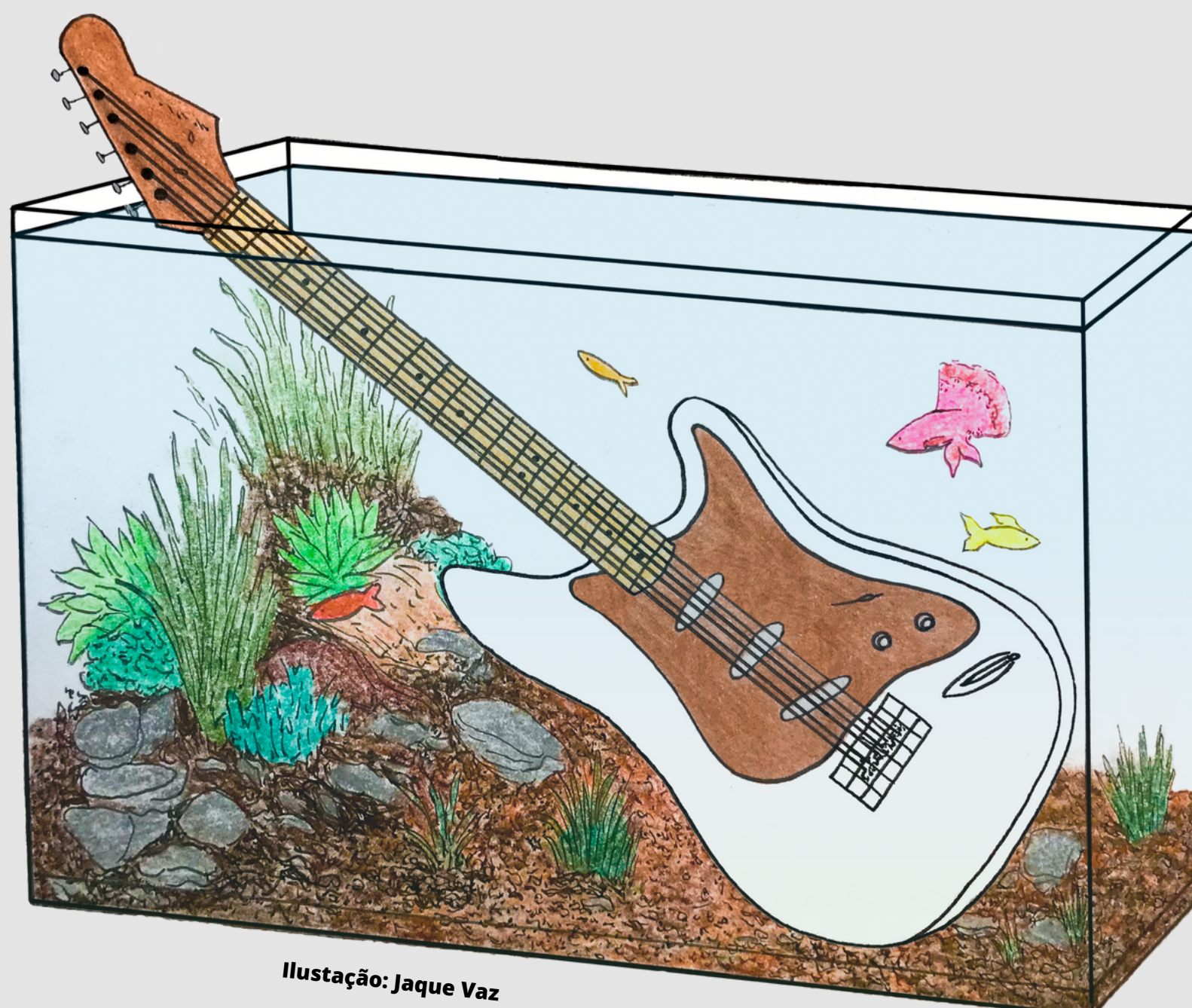


Ilustração: Jaque Vaz

>Piscianos>

Meu ascendente em Peixes vem se mostrando bastante presente na minha relação em sociedade e nos meus desejos mais carnavalescos e infantilmente inerentes à minha pessoa ou, o termo que prefiro, à minha sensibilidade. Como todo bom pisciano sou guitarrista, ou como todo bom guitarrista sou pisciano. George Harrison, John Frusciante e Kurt Cobain só para lhes dar aquela nata da constatação de que todo guitarrista pisciano desenvolve no instrumento uma 'técnica' singela e consegue de fato veicular um conteúdo pessoal e profundo, que às vezes passa longe de guitarristas exuberante e redundantemente técnicos. Não que eu não veja um lirismo e alguma arte em toda aquela parafernália. Me peguei certas vezes desfrutando de umas palhetadas maquiavélicas do Yngwie Malmsteen e consegui ver alguma graça no magnífico, representante do Olimpo, Steve Vai. Mas o fato é, e por mais doída que a verdade seja a gente vai aos poucos encarando-a, o fato é que vivemos num mundo que frequentemente se contorce ao ver os labirintos intermináveis d'um Stevie Ray Vaughan e nem tão frequentemente ao receber as precisas e insubstituíveis notas de um B. B. King - na verdade não sei se há outro realmente parecido com esse cara. Se me disserem que o B. B. King é de Peixes eu não vou precisar de nenhuma prova ou tipo de confirmação. Enquanto não sei, vou evitar a pesquisa e deixar o mistério no silêncio do ar alimentando a minha fé, devoção e as fantasias. Ah, As Fantasias: sem elas não se vive. Sem alguns chicletes não se passa tranquilo os turnos do Fundamental. Sem algumas borboletas não se passa sereno os semestres acadêmicos no Outono. Sem uns toques do destino não se passa convicto a jornada interna no Cotidiano.

PS: Me disseram que o B. B. King é de Escorpião. Era a única outra opção. Rei do Submundo de um braço de uma guitarra, maestro das profundezas da nossa alma. Blues e entranhas mediadas por um arquiteto empático.



***POESIA: Pingos sortidos no caldo grosso
desse caldeirão chamado Vida.***



Ilustração: Erico Espíndola

Ana

Ana amava deitar-se na grama
Desde os seus sete anos
Ana amava grama
Deitava-se sete vezes por semana
Três vezes por dia
De manhã, no meio da tarde e após a janta
Na época em que o tempo não se dava pela grama

Noite de julho

A família dorme
O menino esquece o belo
O cachorro ronca

Bolacha Marya (um canto aos ETs)

O feminyno do menyno
Estará perdido?

Máquina Analógica

Quando nasci, um anjo esbelto
Desses que se aproximam do sublime
Disse: Vai, Érico, ser livre na vida
Vai conhecer as prisões desse mundo
Encontrar aquela em que tu te sentes mais confortável
Vais então descobrir que apenas sentado no pico do Monte Everest vais
entender
Só aí vais poder ver onde começa o teu corpo e onde já não é mais
Onde começa o mundo e onde ainda é a tua mirada
O que é a tua vista e o que já é fotografia

Guitarra

Era uma guitarra muito engraçada
Não tinha traste, não tinha nada
Ninguém podia tocar ela não
Porque a guitarra não tinha som
Ninguém podia um tocar um Mi
Porque nem corda havia ali
Ninguém podia tocar um samba
Porque a guitarra era molamba
Mas era feita com muita paixão
Na rua dos pobres com sensação

Carta às lideranças do Passado, Presente e Futuro

Com o passar dos anos só me convenço mais
Com o passar dos tempos só se comprova
Sem esgrima não há solução
Falta molejo nessas turmas
Orgulho de ser um desvairado
Contentamento na consciência de ser um estudante ou estudioso
Reinventar os Decretos
Os da Creche e os de Gabinete
Queremos um Planalto sem vergonha de ser Central

Manjerone-se

Leia os clássicos

Viaje

Conheça novas terras

Descubra o interesse por filosofia ocidental

Por cultura oriental

Escute novas bandas

Encontre as melhores amizades

Ofereça o seu verdadeiro eu

Mas acima de tudo: manjerone-se

Não revelado

Suavizar o descompasso entre a sociedade e o ser humano
Eis uma tarefa adequada ao professor
É na verdade a missão secreta do poeta
Que siga não revelada

O policial e o sábio – vida longa ao poeta

Quero saber as leis de cor

Para quebrá-las à vontade

Antes disso, vou aprendê-las e testá-las uma a uma

Minhas manhãs começarão com um bom dia para o policial

Um desvio de conduta na sinaleira deserta, como os mais velhos fazem
Três pães de queijo comprados com o troco dos jornais vendidos na esquina

Um pra Ju, um pro Elias e o outro pras pombas que se espalham por essas
redondezas

Um dia serei um ladrão de mão cheia andando no mesmo compasso da
sociedade

Não terei medo de defender as minhas amizades

Tratado de Tordesilhas

Vejo muita poesia e pouca capoeira nesse século cosmopolítca
(Nos Estados Unidos, a sobreposição desses dois chama-se 'Blues')

Libélulas

Libere as libélulas do seu cérebro
Elas querem ser livres
Deixe-as voar
Não junte os farelos
A sua alma precisa de espaço
Respiremos novos odores

Faculdade de Humanas

Tua alma fatigada
Teu sorriso psicodélico
Teu verdadeiro self que se derrama em sorrisos e cachecóis
Essa tua busca pelo Amor
Tudo isso é o verdadeiro subsídio da minha poesia
(Por ti, amor, eu me ajoelho e peço aos ancestrais que escutem essa
prece)
Que as manhãs sejam mais cinematográficas
Que as tardes sejam mais carnavalescas
Que as noites sejam recheadas de deboche
Tudo isso autografado pelo teu batom
Cor de vinho

Para me amar

Escreve a tua biografia no meu corpo

Dissolve as tuas mágoas nas minhas entranhas

Cabelos, expressões, músculos, veias, pintas, dedos, lábios e imperfeições

Não esperes as minhas unhas secarem, o meu peito enrijecer

As minhas coxas tombarem, se revelarem apenas coxas

Apenas braços, cabelos, pernas, membranas, pensamentos, coração

Não esperes eu oferecer o meu corpo aos homens de terno e seus horários

Não esperes eu oferecer esse corpo ao céu que se ergue sobre os nossos anseios,
sobre os sonhos suaves e concretos

Não esperes que eu entregue o meu corpo às ruelas sentimentais, singelas,
definitivas, perenes

Não esperes que eu cante a minha voz ao ar livre, se espalhando com o vento

Não esperes que eu me entregue à humanidade para me amar

Menos metalinguagem

(Em memória do poeta Álvarez de Azevedo)

Menos metalinguagem, mais ervilhas eruditas

Menos metalinguagem, mais Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band

Menos metalinguagem, mais amor

Menos metalinguagem, mais She Loves You Yeah YeahYeah

Menos bacon, mais Chucrute, Chuchu e seus derivados

Menos metalinguagem, mais taças de cerâmica

Menos metalinguagem, mais vinho suave para os jovens adultos

Menos metalinguagem, mais beijos na boca para os adolescentes

Menos metalinguagem

E mais porta-copos dos Rolling Stones: necessidade prática

Procura da Tatuagem

Se eu fizer uma tatuagem tem que ser uma profunda, uma que chegue até a superfície murcha do meu osso. Que atravesse o meu sangue delicadamente, destroçando meus vasos com a mínima tensão necessária. Destronando-os sem desencabelar-los. O Tatuador, semelhantemente, tem que passar a máquina sobre minha pele como quem abre o botão de flor com a faca mais perigosa da latino América. Uma delicadeza que proteja a vibração do símbolo sagrado e lógico que é derramado sobre as minhas texturas.

Tem que ser algo entre uma pintura do Monet e um Ideograma japonês que, com sorte, signifique Esperança. Algo entre um quadro Expressionista e um jogo da Copa do Mundo de 1994 na televisão. Pode ser uma partida de FIFA do PlayStation 1 ou um quadro da Frida, que virou capa daquela bonita biografia. Um quadro verde da Frida Mexicana, espalhando Guacamole pelas matas abertas da Gal Tropical. Cantando e segregando segredos de Costas entre canções do Erasmo e presentes para esses viventes que já pressentem a destruição da mata atlântica. Mesmo nos bares, cafés, parques, shoppings, apartamentos e palanques em praça pública.

Pensei em fazer um Abaporu que comece no meu braço, vá até a minha perna e termine na minha cabeça. Tarsila do Amaral é o Brasil em Nova York. Tarsila do Brasil. Tarsila do Brasil e do Mundo. Tarsila. O mundo de Nova York. Tarsila do Mundo de Nova York. De Roma a filhotes de Yorkshire em Campo Grande. Tão singelos quanto a Pequena Miss Sunshine. Shine. Brilhe. Mostre pra sua cidade, pro Brasil, pro mundo! o seu valor.

Que tal fazer uma colagem de fotos de revista; páginas de dicionário; manchetes de Jornal e purpurina - tudo junto numa folha A3 - escanear e mandar o arquivo pro tatuador? Eu quero é tomar uns goles de vinho seco em uma taça de cerâmica e tatuar os versos que saírem, mesmo que sejam emprestados do Neruda. Um verso metade Drummond, metade Quintana. Arquipélago é o disco dos Beatles do erico veríssimo, que comecei a ler num sacode que uma Ventania me deu. Tu nunca sabes o dia de amanhã, já dizia a filósofa do segundo andar.

Vou tirar uma foto duma grama sintética bem-hidratada e tatuar uma máquina fotográfica analógica no meu braço esquerdo. Será a minha sorte, a minha companheira. Meu amuleto. Vai me acompanhar e registrar cada arrepio, conversa e desvio de sobancelha. Pra ninguém ter dúvida quando a multa de trânsito chegar. No final dos anos 1980 vou abrir o rolo, organizar as capturas e escrever a minha Autobiografia sobre as Andanças e Imagens dessa Vida. Espero que eu tenha amigos e colheres de sorvete sobre os quais escrever. A partir daí, resta esquecer o que não ressoa, dar um novo significado pro significante. Como um pai presenteando o filho com mais um Papai-Noel.

Eu fico é com o Carrinho de Criança. Abaixo os Intelectuais! Qualquer coisa: Andaime de Construção - tinta e suor-; Bercinho de Bebê; Pula-pula; Cama Elástica; Capa de super-herói; Sorvete com Chantilly; Pista de Hot Wheels; Barbie e Polly Girls; Primeiro Beijo, qualquer coisa. Menos um estudo detalhado sobre o sentido literário da vida humana que regurgita num livro de filosofia apressada. Muita ficção pra pouca realidade

Muita realidade pra pouca ficção. Entre Ficção-científica e Ficção-ficcional eu fico com um golaço do Ronaldinho que só o Batman teria coragem para ousar realizar.

Eu fico com o assobio sorrateiro e educado do Samba de esquina, reunião prudente e conscientemente pulsante.

Tirando tatu, botando Jesus na roda. Adicionando alguns ingredientes melódicos do Nordeste. Como uma aranha com suas oito pernas enrolando um Tatu-Aranha, deixando o Batman na conversa. Enganarei o Homem-Aranha.

*Pintarei-me de cor
Erguirei o arco-flecha e ressurgirei por de baixo da terra*

*Tatuarei-me
Uma pedra sem espinho, desabrochada Uma teia bem lançada
Um beijo*

Ebulições do meu chá verde

(A poesia é perigosa porque a vida é necessária

Ou o contrário

A poesia é necessária porque a vida é perigosa

Os poetas e/ou os viventes sabem disso e amadurecem com essa realidade

Eu não sou poeta, nem vivente

Mas sou um apaixonado

Categoria que consegue as suas concessões

FICHA TÉCNICA

TEXTOS

Érico Espíndola

ILUSTRAÇÕES

**Nina Borguetti, Jaque Vaz,
Érico Espíndola**

PROJETO GRÁFICO
Jiddu Saldanha



Edição do autor
Porto Alegre – RS – 2021